

ALBERTO MANGUEL

LIBRETO PREPARATÓRIO

ALBERTO MANGUEL



Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2014

Curadoria
Fernando Schüller

Produção Executiva
Pedro Longhi

Coordenação-geral
Michele Mastalir

Coordenação e Edição
Luciana Thomé

Pesquisa
Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design
Lume Ideias

Revisão Ortográfica
Renato Deitos

www.frenteiras.com

(Argentina, 1948)

Ensaísta, tradutor, editor e romancista argentino. Autor de obras referenciais, obteve reconhecimento internacional através de diversas honrarias recebidas.

“Lemos e escrevemos para entender a experiência antes de tê-la e para ativar nossa própria experiência, para dizer que essa é a forma como sentimos e entendemos, para que as gerações futuras possam sabê-lo.”

VIDA E OBRA

Alberto Manguel é uma referência quando o assunto é livros, literatura e bibliotecas. Ensaísta, tradutor, editor e romancista, nasceu em Buenos Aires, na Argentina, em 1948.

Foi alfabetizado em alemão e inglês, sendo fluente em várias línguas. Filho de embaixador, morou em muitos países. Com menos de um ano de idade, mudou-se com a família para Israel, onde passou a infância. Estudou na Argentina e vive, atualmente, no interior de França.

É autor de livros como *Uma história da leitura*, *A biblioteca à noite*, *Dicionário de lugares imaginários* (em colaboração com Gianni Guadalupi), *No bosque do espelho – Ensaios sobre as palavras e o mundo* e *A cidade das palavras – As histórias que contamos para saber quem somos*.

Sua obra atingiu reconhecimento internacional com diversas honrarias recebidas, como o título de Oficial da Ordem das Artes e das Letras, do Ministério da Cultura da França, e os Prêmios Grinzane Cavour e Roger Caillois.

Quando adolescente, conheceu Jorge Luis Borges em uma livraria em Buenos Aires. Já praticamente cego, o escritor o convidou para ler em voz alta para ele. Manguel ia à casa de Borges ler para o autor – sobretudo, ler con-

tos, porque Borges voltara a produzi-los e eles viraram *O informe de Brodie*, livro lançado em 1970. Ele repetiu a tarefa duas ou três vezes por semana entre os anos de 1964 e 1968. Uma das versões dessa história pode ser lida em *No bosque do espelho*. Esta convivência íntima transformou a figura e os livros de Borges em uma forte referência na literatura de Manguel.

Manguel estudou o ensino médio no Colégio Nacional de Buenos Aires, em meio à ditadura. Terminado o secundário, chegou a iniciar, em 1967, um curso na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, mas abandonou os estudos para dedicar-se ao que realmente gostava de fazer: ler. Foi trabalhar em uma editora portenha. Em busca de sua vocação, mudou-se para a Europa e trabalhou em diversas editoras na Espanha, França, Itália e Inglaterra. Passou por casas de prestígio, como a Gallimard e Les Lettres Nouvelles, de Paris, além de Calder & Boyars, em Londres.

Em 1972, voltou à Argentina para trabalhar no jornal *La Nación*. Logo depois, em 1974, a renomada casa editorial Franco Maria Ricci, de Milão, fez-lhe uma proposta, aceita de imediato. Em 1976, foi para o Taiti, con-

vidado para trabalhar na Les Éditions du Pacifique, onde passou cinco anos. Em 1982, com 34 anos, instalou-se em Toronto, adotando a nacionalidade canadense. Editou várias antologias de contos sobre temas que vão do fantástico à literatura erótica. Autor de livros de ficção e não ficção, também contribui regularmente para jornais e revistas do mundo inteiro.

Mora atualmente no vilarejo de Mondion, nos arredores de Poitiers, na França. No local, comprou uma antiga casa paroquial em ruínas e a reformou, transformando em residência. No celeiro, ao lado da casa, instalou sua vasta biblioteca, que soma mais de 30 mil exemplares.

“Desde os meus três ou quatro anos, minha família viajava muito. Não contava com um lugar fixo, sempre meu. Esse lugar, para mim, foi o livro. Lembro de sentir um alívio ao chegar em casa e encontrar num livro o mesmo texto, com a mesma ilustração na mesma página. Essa foi para mim a experiência primária. Aprendi nos livros o que era a amizade, a morte, o amor, antes de conhecê-los na vida de carne e osso.”

“Toda biblioteca é uma autobiografia. A minha é um conjunto de possibilidades de quem sou. Às vezes essa possibilidade coincide com certo título, me dou conta de que um título é a pessoa que fui há anos e é como visitar uma memória passada.”

“Quando comecei a escrever, eu o fiz consciente de que estava escrevendo como leitor, não como um escritor. Mas nos livros que fiz não sei se há uma progressão, um aumento de complexidade ou um melhor entendimento sobre algo, mas uma abertura de perguntas.”

“Percebi, com Uma história da leitura, que escrevia um livro com um número específico de capítulos, mas bem poderia ter cem mais. De alguma maneira, o tema da leitura abarca todas as atividades humanas e os conhecimentos possíveis. Quando Borges imaginou uma biblioteca contendo o universo, falava exatamente isso. Ao pensarmos o mundo como livro, como espaço que lemos, a leitura define todas as atividades. Não posso pensar em nenhum tema que não esteja relacionado ou incluído no tema da leitura.”

“O intelectual não tem prestígio numa sociedade em que o que vale é o financeiro. As pessoas falam todo tempo que as crianças e os jovens não leem. Não é um problema isolado, mas consequência. Instruem a não nos ocuparmos de coisas que tomam tempo, que são profundas, lentas ou difíceis. Dizer que o intelectual não tem importância hoje leva aonde? É um tema mais profundo: que tipo de sociedade estamos propondo. Hanna Arendt define cultura como aprendizagem da atenção. Aprender a prestar atenção. Toda a cultura que alimentamos hoje é contra a atenção, com um elenco de gadgets que requerem um salto constante de uma coisa a outra.”

“Não podemos escrever romances a partir de outros romances, porque acabaríamos por parodiar os romances que nos inspiraram. Enquanto o escritor de ensaios trabalha a partir de informação recebida e de uma reflexão acerca dessa informação, o escritor de ficção tem de estar só, num espaço em que se torne possível inventar o mundo praticamente de raiz – as personagens, o espaço, a história. No início, essa ideia metia-me muito medo; agora, é o que mais gosto de fazer.”

“Essencialmente, é o leitor quem decide o que é o livro, se esse livro vai sobreviver e, ainda, se esse escritor vai sobreviver. Todo escritor quer ser um clássico. Mas os leitores são impiedosos e decidem que só uma pequeníssima parte dos que escrevem serão recordados. O poder do leitor é imenso.”



UMA HISTÓRIA DA LEITURA

A history of reading

1ª edição – 1996 / Edição em português – Companhia das Letras, 1997 – esgotada

Neste livro, Alberto Manguel ensina que a leitura é a mais civilizada das paixões e que sua história é uma celebração da alegria e da liberdade. Em *Uma história da leitura* encontram-se fragmentos de experiências de todo tipo de leitor: o encantamento com o aprendizado da leitura, a leitura compulsiva de tudo, o prazer de acompanhar a multiplicação dos significados de uma palavra, e a felicidade de descobrir o final da história.

**TODOS OS HOMENS SÃO
MENTIROSOS**

Todos los hombres son mentirosos

1ª edição 2008 / Edição em português –
Companhia das Letras, 2010

O ponto de partida deste romance é a história secreta de Alejandro Bevilacqua, misterioso autor de um único livro, que se matou no exílio em Madri. O escritor desperta a curiosidade de um jornalista francês, que decide escrever um livro sobre ele. As fontes são quatro pessoas que conviveram com Bevilacqua e prometem revelar segredos importantes.

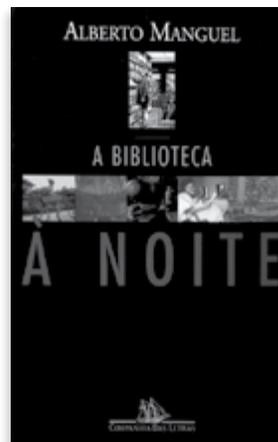


A BIBLIOTECA À NOITE

The library at night

1ª edição 2006 / Edição em português –
Companhia das Letras, 2006

Depois de viver em vários países, Manguel encontra numa aldeia francesa o lugar perfeito para reunir seus livros: um galpão medieval em ruínas anexo à casa paroquial, que adquire e reforma, e onde vive há alguns anos. Aos poucos, a biblioteca toma forma a partir de pedras soltas, caixotes abertos, pilhas de livros, reminiscências e idiossincrasias de seu dono. Nos 15 ensaios de *A biblioteca à noite*, os valores e sentidos representados no ato de colecionar livros são esmiuçados: afinal, ao longo da história as bibliotecas simbolizaram as aspirações e os pesadelos mais díspares da humanidade.

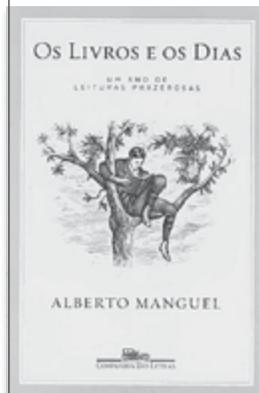


OS LIVROS E OS DIAS

Reading diary

1ª edição 2004 / Edição em português –
Companhia das Letras, 2005

Os livros e os dias é uma obra que combina o diário pessoal e a crítica literária. A cada mês, durante o período entre junho de 2002 e maio de 2003, Alberto Manguel escolheu um grande romance para reler e comentar em seu diário. Suas impressões de leitura se entrelaçam com lembranças pessoais, observações sobre o dia a dia, reflexões sobre o mundo contemporâneo e, principalmente, remissões a livros e autores.



SITE OFICIAL

www.alberto.manguel.com

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Alberto_Manguel

COMPANHIA DAS LETRAS

Perfil do autor no *site* da editora

Companhia das Letras

<http://is.gd/Manguel1>

(<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00309>)

ENTREVISTAS

Na biblioteca de Manguel

Entrevista para a revista *Cult*, publicada em abril de 2013

<http://is.gd/Manguel2>

(<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/04/na-biblioteca-de-manguel/>)

A leitura do mundo

Entrevista para a revista *Língua Portuguesa*, publicada em dezembro de 2011

<http://is.gd/Manguel3>

(<http://revistalingua.uol.com.br/textos/63/artigo249003-1.asp>)

Piglia faz pergunta a Manguel

Post do blog *Veja Meus Livros* feito durante a cobertura da Fliporto, em novembro de 2010

<http://is.gd/Manguel4>

(<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/piglia-faz-pergunta-a-manguel/>)

Com Borges, devaneios sobre bibliotecas e ataque a Vargas Llosa, mesa do argentino Manguel é a melhor da Fliporto

Post do blog *Veja Meus Livros* feito durante a cobertura da Fliporto, em novembro de 2010

<http://is.gd/Manguel5>

(<http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/eventos/com-borges-notas-sobre-traducao-e-alguma-acidez-mesa-do-argentino-alberto-manguel-e-a-melhor-da-fliporto/>)

“Estamos a destruir o valor do ato intelectual”

Entrevista de Alberto Manguel para a revista *Público*, de Portugal. Publicada em julho de 2010

<http://is.gd/Manguel6>

(<http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/alberto-manguel-estamos-a-destruir-o-valor-do-acto-intelectual-1445234>)

Alberto Manguel retorna a livros e bibliotecas em nova obra

Entrevista para o caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*, publicada em agosto de 2006

<http://is.gd/Manguel7>

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u63876.shtml>)

VÍDEOS E LINKS

Alberto Manguel: de Machado a Coelho

Entrevista para o blog *Veja Meus Livros* em abril de 2011

<http://is.gd/Manguel8>

(<http://www.youtube.com/watch?v=G3xOqqeGlkl>)

Mitomania literária

Resenha do livro *Todos os homens são mentirosos*, de Manguel, publicada no jornal *Rascunho* em dezembro de 2010

<http://is.gd/Manguel9>

(<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/mitomania-literaria/>)

Entrelinhas

Entrevista com Alberto Manguel feita pelo programa *Entrelinhas* da TV Cultura, gravada durante a Fliporto, em novembro de 2010

<http://is.gd/Manguel10>

(http://www.youtube.com/watch?v=_w3lBmyKNqQ)

Fliporto 2010 – Entrevista com Alberto Manguel

Entrevista com o autor argentino realizada durante a Fliporto, em novembro de 2010

<http://is.gd/Manguel11>

(<http://fliportodigital.net/novo/?p=1495>)

Ler o livro do mundo

Conversa de Alberto Manguel com José Eduardo Agualusa, na Fliporto 2010

<http://is.gd/Manguel12>

(http://www.youtube.com/watch?v=0U7_DV-rrgs)

Borges e a impossibilidade do escrever

Palestra de Manguel na Universidade de Yale, em fevereiro de 2010 (em inglês)

<http://is.gd/Manguel13>

(<http://www.youtube.com/watch?v=Y8zyK3DtXxQ>)

Homero hoje

Resenha do livro *Iliada e Odisseia de Homero: uma biografia*, de Manguel, publicada no jornal *Rascunho* em setembro de 2009

<http://is.gd/Manguel14>

(<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/homero-hoje/>)

Uma história da leitura

Resenha do livro de Manguel publicada no jornal *Rascunho* em setembro de 2008

<http://is.gd/Manguel15>

(<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/uma-historia-da-leitura/>)

Alberto Manguel convida a ler imagens

Resenha do livro *Lendo imagens*, de Manguel, publicada no caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*, em setembro de 2001

<http://is.gd/Manguel16>

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0809200118.htm>)

ALBERTO MANGUEL E O JARDIM DAS BIBLIOTECAS QUE SE BIFURCAM

POR ÉRICO MELO

Doutor em Literatura Brasileira pela USP (2011), com tese sobre os lugares reais e imaginários das estórias de João Guimarães Rosa. Atualmente, desenvolve, no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, uma pesquisa de pós-doutorado sobre a geografia do romance brasileiro no século XX.

“Para mim, as palavras numa página dão coerência ao mundo.” Pode-se enxergar nessa frase em tom confessional, extraída de *No bosque do espelho*, uma espécie de *motto* da fecunda trajetória de Alberto Manguel no universo dos livros e da leitura.

Como sugere o próprio Manguel, talvez não seja exorbitante propor que sua melhor biografia (uma provável autobiografia, ainda a ser escrita) consistiria numa edição anotada do catálogo da formidável biblioteca que reuniu nos vários lugares onde viveu – Argentina Inglaterra, Itália, França, Taiti, Canadá. Esse grande livro, um grande

mapa de seu percurso pessoal e intelectual, seria também seu retrato mais fiel.

A leitura e a escrita, essas atividades tão intimamente relacionadas na produção de Manguel, estão presentes desde muito cedo em sua vida. Entusiasta das palavras já na infância, o futuro autor de *Uma história da leitura* cresceu rodeado pelas lombadas das obras que marcaram os primórdios da formação de seu saber eclético e enciclopédico. Em *A biblioteca à noite*, ele se recorda de que, aos sete ou oito anos de idade, cerca de cem volumes sobre vários assuntos transbordavam de suas estantes. Uma versão em alemão das *Mil e uma noites*, uma coleção de histórias ilustradas sobre gatos, um atlas surrado pelo manuseio... O Brasil era representado pelo “grande Monteiro Lobato”.

Décadas mais tarde, na esteira de uma carreira integralmente dedicada às palavras, alternada entre escrever para livros, jornais e revistas, editar, criticar, traduzir e organizar antologias, aquele núcleo primordial da biblioteca do pequeno Manguel se multiplicou e proliferou numa babel literária de mais de 30 mil volumes. Depois de morar e trabalhar em três continentes, em 2000 esse cidadão

do mundo das letras nascido na Argentina escolheu o sul rural da França para se fixar – e, sobretudo, encontrar um lugar definitivo para seus livros: um celeiro do século XV reconstruído junto à antiga casa paroquial onde reside num vilarejo do Loire.

No entanto, para além das seduções bibliófilas, Manguel acredita que uma biblioteca constitui sobretudo um meio de transporte para a exploração do mundo. Navios de longa distância a singrar o espaço-tempo na experiência fundamental da leitura, para ele os livros são ferramentas de primeira necessidade que possibilitam o conhecimento das coisas por meio das palavras, e também, naturalmente, uma fonte inesgotável de prazer intelectual. Em sua atulhada Biblioteca de Alexandria particular, contudo, não resta espaço para a bibliofilia enclausurada de um Peter Kien (o fanático sinólogo de *Auto-de-fê*) ou o tédio ostentatório de um Des Esseintes (o *dandy* de *Às avessas*). Em seu prolífico laboratório bibliográfico, convivendo em democrática contiguidade nas estantes de carvalho, congregam-se velhas edições de bolso e raras primeiras edições; “muito Platão” e “pouco Aristóteles”; uma “minúscula” seção dedicada à teoria literária – o

que não deixa de surpreender, pois Manguel é cada vez mais lido em cursos universitários de letras como um dos maiores críticos de nosso tempo – e uma “vasta” coleção de histórias de detetives; as *Confissões* de Santo Agostinho e literatura *gay* do século XX; livros sobre outras bibliotecas, sobre livros que foram destruídos e sobre livros que jamais existiram. Configurando uma genuína heterotopia nos termos de Michel Foucault, isto é, um lugar em que diferentes lugares e tempos convivem lado a lado, o diálogo constante entre os itens dessa portentosa, heterogênea e sempre crescente coleção pessoal orienta a narrativa biobibliográfica de Manguel, ele mesmo uma biblioteca movente de textos e imagens.

Naturalmente, essa narrativa deveria incluir a contrapelo, à maneira de Italo Calvino, os livros que, por diversas razões, não entraram na biblioteca ou nela não permaneceram, ou ainda não foram lidos ou sequer escritos, mas que já têm lugar reservado no celeiro literário do Loire. Na obra de Manguel, a biblioteca é o espaço em que todas as virtualidades estão reunidas. Não por acaso, George Steiner certa vez lhe deu o epíteto de “Don Juan das bibliotecas”. Reproduzindo a célebre sentença

de Stéphane Mallarmé, o autor de *A cidade das palavras* acredita que “tudo, no mundo, existe para acabar num livro”. Esse livro corresponde talvez ao mesmo Livro aludido por Guimarães Rosa no conto “Páramo”, de *Estas estórias*, num eco de Borges e Plotino: um livro que contém todos os outros livros e, portanto, todo o universo. Deus e o diabo, tudo e nada cabem num único volume – o catálogo da Biblioteca. Seu texto seria no limite um símile do mundo e, portanto, numa espiral infinita de espelhamentos, também dos livros nele contidos.

(Parêntese sobre a biblioteca ideal de Manguel: atendendo a uma inevitável demanda de seus leitores, ele certa vez compilou uma lista com seus cem livros prediletos.¹ Machado de Assis (*Memórias póstumas de Brás Cubas*) e Fernando Pessoa (*Livro do desassossego*) são os únicos autores de língua portuguesa incluídos. No entanto, presume-se que o Brasil continua bem representado nas estantes de Manguel, colecionador de literatura de cordel e admirador de Aleijadinho, que mereceu um memorável ensaio em *Lendo imagens*).

¹Disponível em http://www.atelieraldente.de/manguel_0h4/notebook.html
Consulta em 19 out. 2014.

Uma das metáforas que serve de *leitmotiv* ao livro mais recente de Manguel, *The Traveler, The Tower, and The Worm* (2013, inédito no Brasil), se refere à tendência de encastelamento na “torre de marfim” a que a atividade intelectual tem sido historicamente relegada no Ocidente. Por outro lado, satisfeito com os mágicos poderes da biblioteca, o intelectual pode ceder facilmente às delícias abstratas da *cosa mentale* e se retira do mundo conflagrado da realidade social. Manguel vem combatendo incessantemente essa tendência ao confinamento passivo da leitura – e, por extensão, do intelectual – numa posição subsidiária em meio à selva de simulacros audiovisuais que domina a cultura contemporânea. Contra esse devir-ilha da leitura, ele afirma em *A biblioteca à noite* que “a enciclopédia do mundo, a biblioteca universal, existe – e é o próprio mundo”.

Grande autoridade sobre a história da leitura, dos livros e das bibliotecas, Manguel é um incansável apóstolo do poder de transformação da literatura e de sua função insubstituível como repositório perene da memória cultural da humanidade. A efemeridade dos arquivos digitais é justamente uma de suas principais críticas aos *e-books* e à decadência dos livros de papel. A formidável

erudição desse intelectual militante (integralmente formada, a propósito, em livros de papel) não se contenta, pois, com a autorreflexão bibliófila e atravessa as paredes da biblioteca do Loire para servir a causa da leitura ao redor do mundo. Além de colaborador regular de veículos como *The New York Times* e *El País*, é diretor de dois festivais literários, integrante do júri de vários concursos e membro de academias e universidades na Europa, nos Estados Unidos e na Argentina. Entre outros prêmios e distinções que reconheceram sua obra, na França recebeu o prestigioso Prêmio Médicis de ensaio (1998, por *Uma história da leitura*) e foi nomeado cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras; na Inglaterra e na Bélgica, foi-lhe conferido o título de *doutor honoris causa* pelas universidades Anglia Ruskin e Liège.

As vertentes complementares de sua produção intelectual – ensaísta, crítico, conferencista, organizador de antologias e ficcionista – se iluminam mutuamente nos quase cinquenta títulos de seu currículo de autor. Exímio contador de histórias, capaz de conservar a fluida elegância do texto mesmo quando trata de temas complexos da filosofia ou da teoria literária, publicou cin-

co romances e treze livros de não ficção, entre ensaios e coletâneas de textos críticos. Como organizador, assina mais de trinta antologias de contos, totalizando um impressionante cânone mundial da ficção curta. Quinze desses livros já saíram no Brasil. Pela Companhia das Letras: *Todos os homens são mentirosos* (2010, romance); *À mesa com o chapeleiro maluco* (2009, coletânea de ensaios); *A cidade das palavras* (2008, ensaio); *A biblioteca à noite* (2006, ensaio); *O amante detalhista* (2005, romance); *Os livros e os dias* (2005, diário de leituras e crítica literária); *Dicionário de lugares imaginários* (2003, com Gianni Guadalupi); *Lendo imagens* (2001, ensaios sobre artes visuais); *No bosque do espelho* (2000, coletânea de ensaios); *Stevenson sob as palmeiras* (2000, romance); *Uma história da leitura* (1997, ensaio); e como organizador, *Contos de amor do século XIX* (2007) e *Contos de horror do século XIX* (2005). Pela Zahar, *Iliada e Odisseia de Homero* (2008, ensaio). Pela Planeta, *As aventuras do menino Jesus* (antologia de contos, 2011). Ainda inéditos no País, destacam-se, entre outros, *El regreso* (2005, romance), *News from a Foreign Country Came* (1991, romance), *With Borges* (2004, biografia).

Entrementes, como deveria proceder um bibliotecário incumbido de classificar os livros de Manguel? Critérios cronológicos, temáticos ou linguísticos não se ajustam bem a essa produção desdobrada em múltiplas facetas. A metáfora da Torre de Babel, cara ao autor, ilustra o problema. Onde situar os romances de um escritor de ascendência judaica nascido na Argentina, naturalizado canadense e que reside na França, publicando em inglês e em espanhol? O clássico *Uma história da leitura* vai para a estante de crítica literária, filologia ou história? *A biblioteca à noite* é um ensaio histórico ou autobiográfico? *Lendo imagens* pertence aos domínios da estética ou da literatura? “Lys ce que voudra” [Lê o que quiseres]. A melhor resposta talvez seja essa frase de Rabelais que guarda uma das portas da biblioteca de Manguel no celeiro do Loire. Corolário do *motto* sobre as palavras com que este texto se inicia, trata-se de uma boa recomendação de viagem a quem deseje enveredar pela obra e pelo pensamento de Alberto Manguel.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO